

Almas secas

Aquele verão não choveu. Isto era quase normal. Era o deserto. Desta vez o céu não deixou que nenhuma gota caísse na terra. O ar evaporava a água antes de tocar no chão. As pessoas não tinham outro remédio, exceto esperar.

Foi naquele mesmo verão que a cachorra ficou grávida. Ninguém sabia porque ela tinha aquele impulso de se multiplicar, pois a vida era tão miserável. Era magrinha, com orelhas defeituosas, como se outro animal já tivesse tentado mordê-las ou comê-las. Tinha somente meio rabo, que quase nunca sacudia. Ela não era bonita, nem forte, nem sequer interessante, mas parece que tinha chamado a atenção de algum cachorro da vizinhança. Ela engordou tanto que o menino notou e perguntou:

-Por que a cachorra ficou gordinha, mãe?

Ela olhou para o pai que inclinando a cabeça respondeu:

-Está sendo castigada pelos seus pecados.

-O que, pai?

O único castigo que o menino tinha recebido por seus pecados tinha sido uma bofetada, e isso não o engordara.

-Ela vai ter filhos.

-Quantos?

-Mais do que a gente pode sustentar.

O pai olhou para a mãe e então fechou os olhos, respirando devagar. Ele parecia bastante cansado. Tinha trabalhado o dia inteiro no sol. Teve que limpar o mato perto da casa para evitar queimadas. Era um trabalho difícil que não pagava muito, mas dava um pouco de esperança durante a época das queimadas. O menino ainda olhava para o rosto do pai. Os olhos estavam enrugados e a sua pele estava seca pelo calor. Parecia quase uma estampa do deserto, com fissuras largas e curvadas, onde um dia havia existido água. Tinha a impressão do deserto no seu rosto.

A mãe fez uma caixa para o nascimento dos filhotes no estábulo, que somente usavam para para acumular o mato que o pai tirava da terra. Já fazia muito tempo que venderam o cavalo velho que morava ali. Ele enfraqueceu e, como 'quem não trabalha não vale nada...' A mãe levou uma manta da casa e uma caneca de leite para a cachorra. Cantava um pouco enquanto preparava o lugar como se fosse uma parteira:

- 'Triste é viver na solidão, demais pro um pobre coração...'

Parecia pássaro, cantando e preparando o ninho. Pela primeira vez, desde o começo do verão, parecia quase feliz. O pai olhava para ela como se ela estivesse doida. Aquele homem nunca saía da casa se não fosse necessário. Ficou sentado em frente a

janela, observando as atividades dela. Estava ofendido, por não compreender como ela podia comemorar. Às vezes era impossível entender a motivação da mulher.

Dois dias depois, os filhotes nasceram, oito ao todo. O pai declarou para a família:

-Exatamente o que pensei, são muitos filhotes.

A mãe e o pai olharam um para o outro. Não existia bastante alimento nem água para sustentar nove cachorros. Antes de nascerem já estavam condenados. Os oito cachorrinhos mamavam, no primeiro dia das suas vidas, naquele chão imundo, sem saber o que destino esperava. Foi aquele dia que a mãe começou rezar para que os cachorrinhos morressem enquanto dormiam ou que acontecesse algum acidente inevitável para que não se sentisse culpada. Os três seres humanos ficavam ao redor dos cachorrinhos, silenciosamente, como se fosse um velório.

O menino não percebeu a situação grave:

-Qual é o meu?

-Não tem seu, são todas dela.

O pai apontou para a cachorra com a mão fazendo uma cara de repugnância. A cachorra não tinha tido consideração com os seres humanos. Ela só tinha seguido o seu instinto, sem pensar nas conseqüências para a família. Agora todos iam sofrer pelo seu pecado. A culpa era dela e por isso sentia pouca simpatia por ela. Ela merecia o que ia receber.

O pai proibiu que o menino brincasse com os cachorrinhos porque poderia fazer muita sujeira. Também foi proibido dar-lhes nomes, porque não eram seres humanos. O menino, como quase nunca tinha nada para fazer, ficou a noite inteira sem dormir, pensando em nomes para o seu cachorro. Na manhã seguinte, o menino entrou no estábulo, escolheu o cachorrinho menor, e lhe deu um nome. Como antes o estábulo tinha cavalo, e o menino não conhecia muitos nomes, lhe batizou de “Cavalo.” Era um cachorrinho branco e preto, com uma cara inocente. Tinha olhos castanhos e brilhantes. Também era o único filhote que não estava dormindo quando o menino chegou. O menino falou:

-Cavalo, não diga para ninguém que somos amigos. É um segredo.

Nessa mesma noite, o menino começou a guardar um pouquinho do seu jantar para o cachorro. Roubava pedacinhos de pão, um pouquinho de arroz ou, às vezes, mandioca para deixar na frente do pequeno Cavalo. Não podia levar-lhe carne porque nunca havia nem para os seres humanos.

Como não havia muito trabalho para um menino pequeno no campo, e ‘quem não trabalha não vale nada,’ ele tinha muito tempo para visitar os filhotes. Não gostava de todos; somente do pequeno Cavalo. Ignorava os outros, porque não tinha bastante comida para dividir com todos. Cavalo comia bem, ao contrário do menino que passava fome. O jantar dele era o jantar do pobre animal. Cavalo gostava tanto do menino que quase sempre fazia xixi no chão quando o menino chegava. Isto sim era amor. Era quase a única água que tocava o chão naquele tempo. Ainda não havia chovido.

Um dia o menino pensou: Se os filhotes eram um castigo pelos pecados da mãe-cachorra,

não estaria o Cavalo condenado ao inferno? Ele ainda não sabia exatamente o que era o inferno, mas na igreja diziam que era um lugar quente e cheio de chamas, como as casas que não tiraram o mato antes dos incêndios do campo. Essas casas sempre acabavam queimadas. Com este pensamento, o menino foi correndo para a casa, pegou um pouco de água suja da pia e voltou para o estábulo. Declarou com uma voz autoritária:

-Deus te abençõe!

Jogou toda a água fria e contaminada na cara do pobre Cavalo. Cavalo ficou surpreso, mas, ao mesmo tempo, agradecido pela consideração.

-Agora, Cavalo, você não vai para o inferno. Pode ficar aqui comigo.

Quatro semanas depois, os filhotes desapareceram. Naqueles dias a mãe tinha ido de porta em porta perguntando se algum vizinho queria um cachorro para a sua família. Ninguém queria. Então a mãe colocou todos dentro de uma caixa e levou para o carro, chorando em silêncio. Levou os filhotes ao veterinário na cidade mais próxima, sabendo o que ia acontecer. Quando o menino chegou no estábulo, viu somente a cachorra-mãe. Ele foi correndo para o pai, que estava, como sempre, tirando mato, e gritou:

-Cadê o meu cachorro?

-Você não tinha cachorro. A cachorra tinha cachorros.

Quando mãe chegou no veterinário, só havia sete filhotes na caixa. Ela achou que o número oito tinha pulado do carro, morrendo violentamente na rua. Por isso ela chorou um pouco mais, pensando naquela alma perdida. Voltou para casa. Ela e o menino choraram a noite inteira, mas por razões distintas e em quartos distintos. O ar secou as lágrimas nas suas caras.

Na manhã seguinte, o menino notou que a mãe engordava um pouco, mas a sua cara continuava magrinha, com sombras escuras debaixo dos olhos. Ainda parecia triste, quando alguém bateu na porta. A mãe abriu e viu um vizinho com um cachorrinho na mão.

O menino chegou na porta e exclamou:

-Cavalo! Eu sabia que tive boa idéia em batizar você. Que boa sorte!

A mãe tomou o Cavalo e o levou diretamente pela outra porta para ver o pai. Ela lhe mostrou Cavalo e disse que tinha sido um milagre. Ele pegou o filhote dos braços dela com força e mandou que ela e o menino fossem visitar a casa de uma vizinha. Eles obedeceram.

O pai levou o cachorrinho para o estábulo. A cachorra, abandonada pelos filhos, já tinha saído para procriar outra vez. Respirando forte, o pai pegou o rifle, que sempre carregava consigo quando ia trabalhar no campo, e apontou para o inimigo. O Cavalo olhava para ele com olhos inocentes, olhos que tinham convencido um pobre menino passar fome para que ele sobrevivesse. O pobre bicho lambeu o metal curioso.

A mãe e o menino ouviram o tiro da casa da vizinha.

-Papai, onde é que é o céu?

-La em cima.

-Em cima de quê?

-De nós.

Ele apontou com um dedo para as nuvens que sempre circulavam, mas nunca deixavam a chuva cair sobre a terra. O menino pensou, imaginando o céu como uma manta azul, cobrindo o mundo, sufocando as plantas e os animais.

-Mas pai, mãe falou que o Cavalo foi para o céu. Quer dizer que aprendeu a voar?

Ele fez com a cabeça que não, cachorros não podem voar. Tirando a grama da terra, deu volta para dar as costas ao menino. Não gostava de conversar, nem aguentava meninos que não contribuem nada para a família. 'Quem não trabalha, não vale nada.'

-Então, para onde foi o meu Cavalo?

-Foi embora.

-Vai voltar?

-Não.

-Mas Cavalo era o meu único amigo...

-Você já não precisa mais de amigos. Daqui há pouco, vai ter irmão.

Lucy Blaney

Crítica

“Quem não trabalha não vale nada”, este é o mote que permeia o texto “Almas Secas” de Lucy Blaney. O conto, ambientado em uma região desértica, retrata a desesperança e a animalização do homem em decorrência do seu sofrimento e da sua relação com a dura realidade dos ambientes áridos. O conto tem como personagens o Menino, seu cachorro, Cavalo, o Pai e a Mãe. O cotidiano dessa família é narrado sob o ponto de vista do Menino que, vivendo num mundo marcado por escassez material e afetiva, reflete sobre as marcas indeléveis do sol na face do pai, observando “a impressão do deserto no seu rosto.”

O leitor atento e familiarizado com a literatura brasileira percebe que a narrativa de caráter realista/naturalista de Blaney estabelece um diálogo com a obra do famoso escritor regionalista, Graciliano Ramos. O livro *Vidas Secas*, desse escritor nascido em Alagoas, estado brasileiro onde a fome e o descaso dos órgãos governamentais são presenças constantes nas vidas dos habitantes daquela região, foi a inspiração para a autora de “Almas Secas.” Como no livro de Ramos, “Almas Secas” trata a questão da seca, aparentemente, como se fosse o tema principal. Em ambos os textos, contudo, a palavra seca ganha um significado muito maior, pois prepondera neles uma ausência de tudo, muito mais que somente água. Quando aparecem vocábulos referentes à água, esses possuem uma conotação negativa como “lágrimas” e “água suja” ou escatológica como “xixi.” O isolamento, frente àquele mundo inóspito, reflete o processo de animalização humana decorrente da tensão entre o homem e o seu meio social. Estabelece-se, então, sob o olhar do

protagonista, o paradoxo da personificação da cachorra. Naquele grupo de seres vivos, Cavallo era o único a possuir um nome e ser capaz de demonstrar subjetividade e afeição, ou seja, a apresentar características “humanas.”

No texto de Blaney, a importância da natureza como elemento direcionador do destino daquele grupo já se apresenta no primeiro parágrafo. Neste momento, a autora não somente mostra a oposição entre homem e meio natural, como também a submissão desse homem frente a essa natureza implacável “desta vez o céu não deixou que nenhuma gota caísse na terra” e “o ar evaporava a água antes de tocar no chão.” Nesse micromundo, as pessoas “não têm remédio, exceto esperar.”

O aspecto religioso e místico surge através do sentimento de culpa que permeia as relações entre esse sujeito e o mundo a sua volta. A mãe reza para evitar a morte dos cachorrinhos o Cavallo é visto como um castigo. Segundo o Menino, é preciso batizar o cachorro para livrá-lo da condenação ao inferno. No entanto, o imaginário nordestino está povoado por credences e uma delas se refere à necessidade de nomear os cães com nomes de peixes a fim de livrá-los da hidrofobia e da má sorte. Talvez por não ter nome de peixe, Cavallo não escape à morte.

Seguindo a tradição de escritores como Graciliano Ramos, Lucy Blaney escreve, fazendo uso de uma linguagem “sem enfeites”, um conto em que sobressaem três núcleos importantes: a região, o texto e a vida. Graciliano Ramos afirma que “a palavra foi feita para dizer e, não, enfeitar.” Em seu texto, Lucy Blaney “diz”, fazendo uso de uma realidade quase pictórica, que as almas secas, seja de água ou de sentimentos, perdem a sua condição humana.

Selene de Souza Dias Moreno